

O legado de Hissène Habré no Chade

Via [International Viewpoint](#)

O ex-ditador do Chade (1982-1990) morreu de Covid em 24 de agosto. Ao contrário de seu sucessor Idriss Déby, que foi morto em abril passado e cujo funeral foi realizado com toda a pompa e circunstância franco-africana imaginável, Hissène Habré saiu sem nenhuma fanfarra, trombetas, rosas na porta de sua casa ou homenagens ministeriais.

E por uma boa razão! Hissène Habré estava na prisão desde 2015, condenado a prisão perpétua por crimes contra a humanidade por um tribunal especialmente criado pela União Africana para a ocasião. Uma sanção judicial que nada tinha a ver com qualquer pressão diplomática francesa, embora nunca mesquinha com lições sobre direitos humanos, nem com qualquer preocupação moral da União Africana, aquele sindicato de ditadores: ela devia tudo à energia das associações de vítimas que lutaram incansavelmente durante anos contra a impunidade organizada com grandes subornos a políticos e jornalistas senegaleses.

Um enorme hospital ao ar livre

Infelizmente, a fim de evitar muitas descobertas, o julgamento concentrou-se somente em Habré, deixando na sombra o sistema que ele havia construído e legado à família Déby (pai e filho). No entanto, não faltou material. A curta ditadura de Hissène Habré excedeu em muito a de seu sucessor em ferocidade. Durante oito anos, o país foi transformado em um imenso necrotério ao ar livre, repleto de valas comuns, prisões onde todos os tipos de tortura eram praticados, onde as pessoas eram mortas impunemente, em um campo de concentração deliberadamente organizado: um único partido, uma

única organização de mulheres, uma única organização de jovens, tudo emoldurado por um sistema policial construído sobre o modelo das ditaduras mais hediondas do continente, como a de Mobutu. Todas as dissidências foram proibidas e a proibição de greves foi até inscrita na constituição. Este regime desprezível justificou sua existência por uma mentira grosseira, segundo a qual a Líbia do ditador Kadhafi, um país subdesenvolvido, também dominado pelas potências imperialistas apesar de seus petrodólares, queria simplesmente “colonizar”, “anexar” ou, mais trivialmente, “comer” o Chade. Não menos do que isso!

De Habré a Déby

Foi precisamente em nome da luta anti-Gaddafi que a França e os Estados Unidos apoiaram e armaram o regime de Habré, enviando (já) tropas para o norte do país e complacientemente fechando os olhos para os massacres étnicos, a violência, a corrupção e o desvio de fundos públicos por aqueles próximos ao governo, enquanto as massas populares estavam sendo sangradas pelo aumento das contribuições para o “esforço de guerra”.

Em 1º de dezembro de 1990, o ditador finalmente teve que fugir de sua capital (depois de ter invadido o tesouro e os cofres das empresas públicas) diante do avanço das tropas de Idriss Déby Ito, seu ex-tenente. Este episódio foi mais próximo de uma revolução palaciana do que de uma ruptura radical com o regime deposto. A DGSE francesa criticou Habré por ser demasiado brando com o aliado americano e empurrou Déby, que estava então em estado de crise, para a revolta! Pelo resto, nada havia mudado: dos generais aos guardas prisionais, os ministros, os deputados, os prefeitos, os juizes, os diretores-gerais e outros torturadores, todo o sistema Habré permaneceu em vigor. É verdade que algumas mudanças formais tiveram que ser concedidas aos tempos, como a introdução de um sistema multipartidário ou o direito à greve, mas para o resto, o Chade dos Débys permanece na mesma linha de Habré:

assassinatos, etnia, regionalismo, nepotismo, clientelismo, exploração descarada dos recursos humanos e naturais em benefício de uma minoria de parasitas, pilhagem de fundos públicos e rigor religioso nauseabundo! Tudo isso com a bênção do imperialismo francês.